

*As conquistas desse extraordinário  
desbravador norueguês deixaram  
sólidos marcos na história das explorações*

# ROALD AMUNDSEN, PIONEIRO POLAR

EMILY E OLA D'AULAIRE

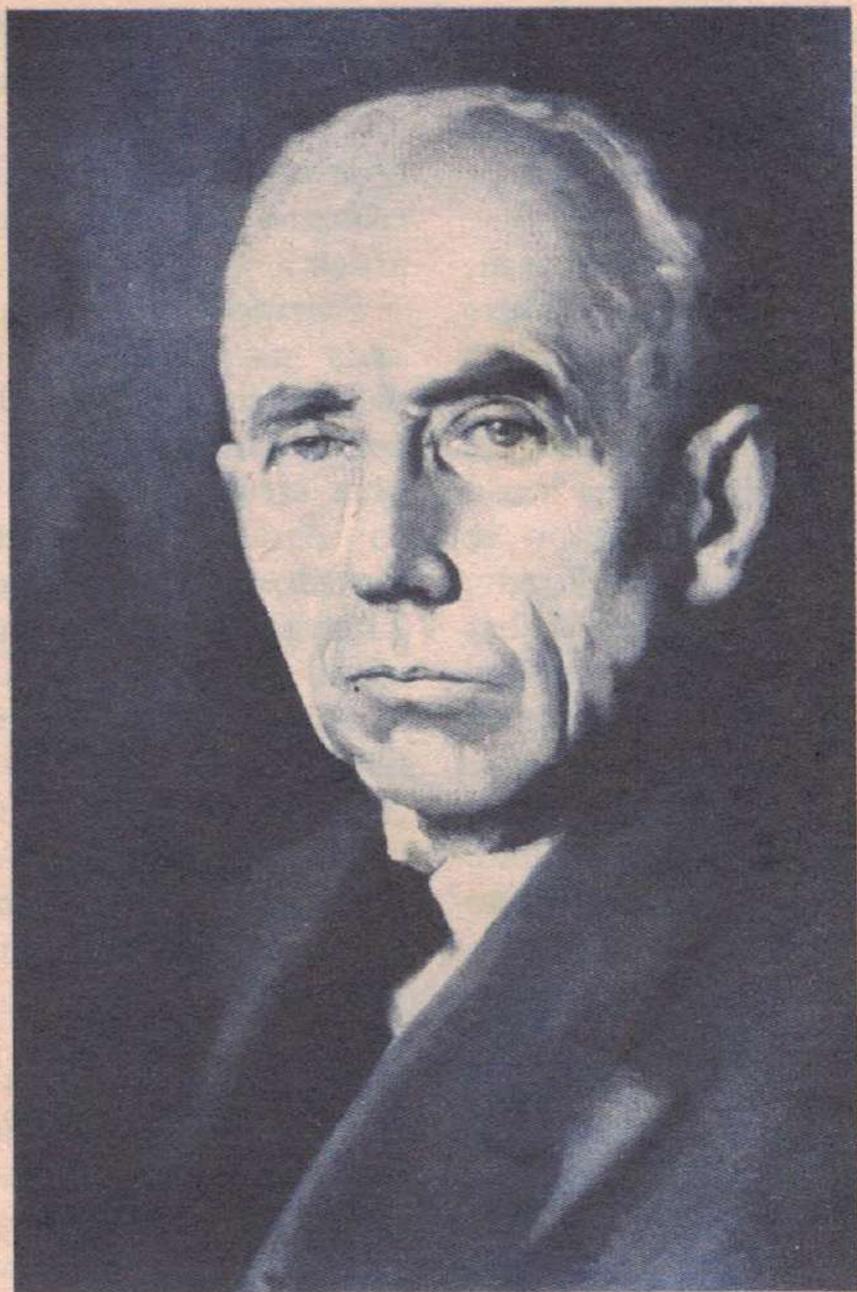


HARINQUE-VIOLLET

O SOL da meia-noite brilhava qual brasa gigantesca naquela noite de janeiro de 1912, quando os cinco homens se arrastaram para a cabaninha de madeira. Lá dentro, o único som era o da respiração ritmada que vinha dos catres que se alinhavam contra as paredes. Mas, quando os recém-chegados começaram a livrar-se das camadas de roupas, um a um dos que dormiam foram acordando, espantados como se vissem fantasmas. Finalmente, um dos homens sussurrou: «Vocês estiveram lá?» O mais alto dos recém-chegados passou o olhar lentamente pelos homens: «Sim», disse, «nós estivemos lá.»

Num instante, a cabana era uma confusão de homens gritando, rindo, pulando e se abraçando. O que

*A velha chalupa Gjoa, usada na pesca do arenque, na qual Amundsen descobriu a Passagem de Noroeste*



*Roald Amundsen, tela de Arthur Fuller*

havia falado era Roald Amundsen, que muitos consideram o maior explorador polar de todos os tempos. E «lá» era a própria base do mundo, um inóspito círculo de gelos e neves eternas jamais visitado por homem — o Pólo Sul.

Roald Amundsen tinha então 39 anos e estava no auge de uma carreira espetacular. Fora o primeiro

a navegar a traiçoeira Passagem de Noroeste e, mais tarde, o primeiro a sobrevoar a Bacia do Pólo Norte, da Europa para a América do Norte. Seus incríveis êxitos onde tantos outros haviam falhado deviam-se a meticulosos planejamento e preparação e à sua extraordinária capacidade física. O explorador ártico Fridtjof Nansen assim definiu a

conquista do Pólo Sul por Amundsen: «Foi uma vitória do homem sobre a Natureza, uma conquista do corpo e da mente humanos.»

Para os que o conheciam, Amundsen era um gigante entre homens, um líder nato a quem se dedicava uma lealdade feroz e eterna. Fisicamente, estava sempre em forma soberba, embora cedo seu rosto crestado pelo tempo se mostrasse vincado e envelhecido. Seu cabelo e suas sobrançelas grossas também cedo embranqueceram, mas os olhos, nos quais brilhava um fogo azul, e o nariz adunco como um bico de águia, mostravam firmeza e resolução. Um membro da sua expedição certa vez expressou o que muitos dos seus companheiros sentiam secretamente: «Se estivéssemos sem comida e ele dissesse que um de nós tinha de se sacrificar pelos outros, eu tranquilamente sairia para a neve e morreria por ele.»

Este homem notável nasceu em Borge, perto de Sarpsborg, na Noruega, a 18 de julho de 1872. Filho e sobrinho de armadores, o jovem Roald desde pequeno viveu cercado por histórias de mares e terras distantes. Aos 15 anos, leu sobre a trágica tentativa de Sir John Franklin, o explorador inglês, de atravessar a Passagem de Noroeste, a perigosa passagem marítima bloqueada por gelos que fica no meio de um emaranhado de ilhas entre o Canadá e o Pólo Norte. Franklin e seus 129 homens morreram de

fome e frio. «É estranho», escreveu Amundsen, «mas o que mais me atraiu foi o sofrimento de Sir John e de seus homens, e eu jurei secretamente que viria a ser explorador ártico.»

Passados seis anos, após dois anos na Faculdade de Medicina da Universidade de Oslo, engajou-se como simples marujo a bordo de uma escuna prestes a largar rumo ao Ártico. Aprendeu rápido os segredos da marinagem, e aos 25 anos foi escolhido para primeiro oficial do *Belgica*, o navio da Expedição Antártica Belga. O *Belgica* ficou retido no gelo do Oceano Antártico durante 13 meses trágicos e sua tripulação foi a primeira a suportar o inverno na Antártida.

Essa experiência aguçou o apetite polar de Amundsen. De volta, começou a planejar sua própria expedição: um ataque à Passagem de Noroeste. Começou por estudar tudo que havia sido publicado sobre as tentativas anteriores de penetrar os estreitos, até ficar sabendo sobre a região tanto como os que ali haviam estado. Estudou os usos, os trajes e os hábitos alimentares dos lapões da Escandinávia, a fim de descobrir como sobreviviam ao frio. Aprendeu a manejar matilhas de cães e tornou-se especialista em esquição «cross-country». Finalmente, adquiriu uma velha chalupa, um pequeno mas sólido barco empregado na pesca do arenque, com 70 pés de comprimento, o *Gjoa*, e equipou-o cuidadosamente para a viagem. Carne seca para cinco anos



*A bandeira da Noruega flutua no Pólo Sul, em 14 de dezembro de 1911*

e material científico para medições magnéticas e meteorológicas, por exemplo, foram acondicionados em caixotes especiais, que poderiam ser usados como blocos de construção para a base terrestre de que eles necessitariam durante o inverno. Optou por uma tripulação pequena — seis homens — que seria fácil de alimentar se ficassem retidos.

Por ironia, foram esses meses de penosos preparativos que quase acabaram com a expedição. Amundsen dispunha de poucos recursos pessoais — problemas de dinheiro existiriam ao longo de toda a sua carreira — e devia quase todo o seu equipamento. No dia 16 de junho de 1903, seus credores apareceram no cais e exigiram que ele pagasse as dívidas em 24 horas,

sob pena de confisco do barco e equipamento. Amundsen sabia que não arranjaría o dinheiro a tempo. Naquela noite, quando deu meia-noite, ele e sua tripulação fizeram-se ao mar através do Oslofjord, rumo à grande aventura.

Amundsen sabia que a maioria dos exploradores antes dele haviam seguido um curso norte, de forma que, quando chegou a Lancaster Sound, ao norte do Canadá, aproou para sul. Quando veio o inverno ártico e começava a acumular-se o gelo, o *Gjoa* havia chegado mais longe que qualquer outro navio. Lançaram âncora na Ilha King William, lugar desolado e de escassa vegetação ao largo da costa canadense, construíram seu barracão de caixotes e prepararam-se para

enfrentar a longa temporada gelada.

O barco ficou imobilizado no gelo durante dois invernos, mas Amundsen e sua tripulação não ficaram parados um instante. Caçavam caribus para comer, fizeram amizade com as tribos esquimós locais e reuniram sobre o Pólo Magnético Norte dados suficientes para manter ocupados os cientistas durante os 20 anos seguintes.

Finalmente, em agosto de 1905, o longamente esperado degelo libertou o *Gjoa*, e Amundsen levou o seu barquinho pelas águas rasas que beijavam a costa norte canadense. Certa vez, eles mediram exatamente 2,5 centímetros de água sob a quilha. Mas a sua decisão de tomar pela rota mais ao sul possível provou ser acertada. Duas semanas depois de saírem de King William, avistaram um navio a oeste, a baleeira *Charles Hansson*, de San Francisco. «Que visão maravilhosa», anotou Amundsen. «Significava que a Passagem de Noroeste ficara para trás.»

O lugar de Amundsen na história estava agora assegurado — mas ele tinha outro sonho a realizar. De volta a casa, levantou dinheiro fazendo conferências, pagou as dívidas e preparou-se para a próxima aventura — penetrar os gelos árticos ao norte da Rússia e flutuar com eles para oeste através do teto do mundo, se possível sobre o próprio Pólo Norte.

Os preparativos estavam quase prontos quando, em 1909, Roald sofreu um severo golpe: o Almirante Robert E. Peary, o explora-

dor americano, alcançara o Pólo Norte antes dele. Aparentemente calmo, Amundsen tocou a sua vida. Intimamente, no entanto, planejava um golpe sensacional. Se o Pólo Norte já não interessava, por que não um ataque ao Pólo Sul?

Desde o começo, foi brilhante a estratégia de Amundsen. Ao atingir a Antártida, fez erigir uma cabana de madeira pré-fabricada na praia, a três quilômetros do navio, e transferiu para ali seus homens e suprimentos. As provisões foram armazenadas em três depósitos distantes 160 quilômetros um do outro, ao longo da Barreira de Ross, para serem usadas no último trecho da *viagem de volta* do Pólo, quando Amundsen e seus homens estariam exaustos. Para ter a certeza de que encontrariam os depósitos, Amundsen fez plantarem linhas de bandeiras com oito quilômetros de comprimento, que seriam avistadas se por acaso perdessem o rumo.

Quando chegou finalmente a primavera antártica, com quatro homens, 52 cachorros esquimós e quatro trenós com provisões, Amundsen começou a marcha de 1.450 quilômetros por terra até ao Pólo. Ao fim de um mês, atingiriam a cadeia continental de montanhas, com suas fendas ocultas e frágeis pontes de gelo. Daí, foram necessários quatro dias para vencerem a escalada de mais de três quilômetros até ao Planalto Polar, onde toparam com uma terrível tempestade. Meio cegos pelo vendaval de neve, os homens lutavam para abrir caminho.



EDITORA GYLDENDAL

*Amundsen (ao fundo, à direita, com os braços sobre a mesa) com seus homens, na Framheim, quartel-general da equipe no Pólo Sul*

Finalmente, no dia 14 de dezembro de 1911, às três da tarde, alcançaram o próprio fundo do mundo. Disse Amundsen sobre aquele momento: «Cinco punhos curtidos pelo tempo e enregelados seguraram o mastro da bandeira e ergueram-no no ar para plantá-lo, o primeiro no Pólo Sul.» Com a bandeira norueguesa flutuando alto, foi um momento glorioso.

Embora coroada de glória, a carreira de Amundsen estava longe de ter-se encerrado. Com um novo navio, o *Maud*, durante quatro anos ele tentaria em vão penetrar os gelos polares flutuantes, primeiro ao norte da Sibéria, depois ao norte do Alasca. Percebeu então que, para alcançar o Pólo Norte, teria de

fazê-lo pelo ar. Na realidade, desde 1914 ele era o primeiro piloto civil brevetado da Noruega. Mas onde levantar dinheiro para uma expedição como essa? Por sorte sua, em 1925, Lincoln Ellsworth, um jovem e rico explorador americano, surgiu em seu socorro com dinheiro bastante para a aquisição de dois Dornier-Wal anfíbios, de fabricação alemã. Aos 53 anos de idade, apelidado pelos jornais de «A Águia Branca», em companhia de Ellsworth e mais quatro tripulantes, Amundsen levantou vôo de Spitsbergen com os dois aviõezinhos e lançou-se sobre o Oceano Ártico na direção do Pólo Norte. Hora após hora, foram avançando. Subitamente, a 250 quilômetros do objetivo, os

motores de Amundsen tossiram e o avião estatelou-se no mar gelado. Ellsworth desceu atrás do companheiro, e, no pouso, seu avião sofreu danos irreparáveis.

Os seis homens pescaram o avião de Amundsen, pousaram-no no gelo e consertaram o motor. As águas livres de gelo não eram suficientes para tentarem alçar vôo e a área congelada era acidentada demais para servir de pista. Apenas com rações de emergência, três pás, um machado e uma âncora para gelo, eles trabalharam durante 25 dias abrindo uma pista usável de 500 metros de comprimento — uma tarefa gigantesca que envolveu a remoção de 500 toneladas de gelo. Os seis homens, então, enfiaram-se no aviãozinho, que, milagrosamente, levantou vôo da pista de gelo. Longas horas mais tarde, o Dornier desceu ao largo da costa de Spitsbergen, com o ponteiro da gasolina marcando «Vazio». Quando, depois de ter dado os seis homens por mortos, o mundo soube do feito espetacular, começou-se a falar da «sorte de Amundsen».

Embora tivesse voado mais perto do Pólo Norte que ninguém antes dele, Amundsen não o alcançara. Além disso, ainda restava um «primeiro» a ser conquistado nas explorações árticas: ninguém jamais havia cruzado o Oceano Ártico, da Europa para a América. Com a ajuda de Lincoln Ellsworth, ele adquiriu um dirigível italiano, contratou para piloto o homem que o desenhara, Umberto Nobile, e, em maio de

1926, saiu de novo de Spitsbergen. Quando a aeronave prateada flutuou precisamente sobre o Pólo Norte, o sonho de uma vida de Amundsen tornava-se realidade. Em seguida, 72 horas depois de ter deixado Spitsbergen, Amundsen avistava Ponta Barrow, no Alasca. Conseguiu-o: *5.457 quilômetros sobre o Pólo Norte, o primeiro a cruzar o topo do mundo.* «Considero encerrada a minha carreira de explorador», anunciou Amundsen. «Foi-me concedido alcançar o que me propus fazer.»

Entretanto, a história ainda não estava pronta com Amundsen. Dois anos depois, voando no seu próprio dirigível *Italia*, Umberto Nobile sofreu um desastre no gelo polar. Aos 56 anos, porém aparentando mais, Amundsen ofereceu-se como voluntário para tentar o resgate do companheiro. «Conheço a região», ele disse, «e vou.» A 18 de junho de 1928, a Águia Branca levantou vôo nessa missão de caridade, que seria a sua última. Durante três meses, o mundo viveu da tênue esperança de que, de alguma forma, por milagre, ainda dessa vez ele voltaria — até que um flutuador quebrado do seu avião anfíbio foi encontrado à deriva ao norte de Tramsö. Talvez o próprio explorador o tivesse querido assim.

Hoje, 44 anos após o seu desaparecimento e 100 depois do seu nascimento, a Águia Branca ainda paira altaneira sobre a história das explorações. Foi somente em 1956 que seres humanos tornaram a pôr os

pés no Pólo Sul e viveram para contar a história, e só em 1969 foi que um navio comercial penetrou a Passagem de Noroeste. Quanto à rota aérea de Amundsen, da Europa à América sobre o Pólo Norte, somente agora, na idade do jato, ela se tornou uma estrada aérea usada nas rotas dos modernos aviões comerciais.

Exemplo clássico do inconquistável espírito humano, Roald Amundsen foi um homem de tempera de aço, que tranquila e firmemente traçou o seu próprio rumo,

jamais cedendo, até chegar ao seu destino. Na poética linguagem do Norte, seu amigo Fridtjof Nansen expressou o que tantos sentiram com o desaparecimento da Águia Branca: «Ele encontrou uma sepultura sem marcas sob o gelo silencioso, mas seu nome há-de brilhar por muito tempo, como as nossas luzes do Norte. Foi nosso, como uma estrela luminosa que explode na escuridão dos céus. Subitamente, então, a estrela se apaga, e ficamos nós, tristemente, a perscrutar o espaço vazio.»



O FORMULÁRIO apresentado no Canadá para o censo de 1971 despertou consideráveis críticas entre mulheres que não concordavam com a definição de que «o marido é o cabeça do casal». Eu era uma das que consideravam essa afirmativa muito irritante. Nas costas do formulário, sob a rubrica «Observações», escrevi: «Não sou feminista militante, pois não acredito na legalização do aborto e me sentiria muito desconfortável se queimasse o meu soutien, *mas*, nesta família, meu marido e eu sem dúvida alguma partilhamos direitos iguais, e, portanto, quero registrar aqui a minha queixa contra as vossas expressões arcaicas.»

Dias depois, passando novamente a vista pelo formulário, para fazer alguma correção necessária antes de devolvê-lo, constatei com pesar que o meu marido havia acrescentado às minhas palavras o seguinte: «As opiniões dos empregados não refletem necessariamente a posição da gerência.» E assinara: «O cabeça do casal.»

— M. L. D.



### A Nado

QUANDO meu filho saiu de barco levando um garotinho de quatro anos para passear, o menino perguntou-lhe: «Ron, você sabe nadar?» Ron respondeu que sim. Minutos depois, o menino acrescentou: «Você é capaz de nadar com um braço só?» Ron disse que achava que sim. Já bem longe da terra, o menino acrescentou: «Ron, você é capaz de nadar com um braço só e segurar um garotinho com o outro?»

— F. S.